

O PESQUISADOR EM CAMPO: SUBJETIVIDADE, REFLEXIVIDADE E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

THE RESEARCHER IN THE FIELD: SUBJECTIVITY, REFLEXIVITY AND KNOWLEDGE PRODUCTION IN THE SOCIAL SCIENCES

Márcia Regina Castro Barroso¹

1.Professora do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) UNIGRANRIO/AFYA, Pós-doutorado e Doutorado em Sociologia (PPGSA-IFCS-UFRJ), Psicóloga Clínica (CRP:05/73483). E-mail: marcia.barroso@afya.com.br

Eixo Temático: 06

RESUMO

A pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais envolve uma relação complexa entre pesquisador, campo e sujeitos investigados, tornando necessária uma reflexão sobre o lugar ocupado pelo pesquisador na produção do conhecimento. Este artigo discute a importância da subjetividade e da reflexividade na pesquisa socioantropológica, questionando a ideia de neutralidade absoluta. Para tanto, realiza-se uma revisão de literatura de caráter qualitativo e exploratório, com base nas contribuições de Florence Weber, Shulamit Reinharz, Gérard Mauger, Raymond Gold, Bruneteaux e Lanzarini e Colette Pétonnet. A discussão destaca a relevância da observação participante, do diário de campo, das entrevistas informais e da abertura às situações imprevistas. Argumenta-se que reconhecer a dimensão subjetiva da pesquisa não significa abandonar o rigor científico, mas adotar uma postura reflexiva diante das condições em que o conhecimento é produzido. Assim, a pesquisa qualitativa é compreendida como um processo relacional, situado e intersubjetivo, no qual o pesquisador também integra o campo que busca compreender.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Subjetividade. Trabalho de campo. Produção do conhecimento.

ABSTRACT

Qualitative research in the Social Sciences involves a complex relationship among the researcher, the field, and the subjects under investigation, making it necessary to reflect on the researcher's position in the production of knowledge. This article discusses the importance of subjectivity and reflexivity in socio-anthropological research, questioning the notion of absolute neutrality. To this end, a qualitative and exploratory literature review is conducted, based on the contributions of Florence Weber, Shulamit Reinharz, Gérard Mauger, Raymond Gold, Bruneteaux and Lanzarini, and Colette Pétonnet. The discussion highlights the relevance of participant observation, field diaries, informal interviews, and openness to unforeseen situations. It is argued that recognizing the subjective dimension of research does not mean abandoning scientific rigor, but rather adopting a reflexive stance toward the conditions under which knowledge is produced. Thus, qualitative research is understood as a relational, situated, and intersubjective process in which the researcher is also part of the field they seek to understand.

Keywords: Qualitative research. Subjectivity. Fieldwork. Knowledge production.

INTRODUÇÃO

A produção do conhecimento nas Ciências Sociais envolve desafios metodológicos que ultrapassam a escolha de técnicas destinadas à coleta e à análise de dados. Investigar relações sociais significa entrar em contato com sujeitos, grupos, instituições, experiências e contextos atravessados por valores, afetos, conflitos e diferentes formas de interpretação da realidade. Nesse cenário, pensar sobre os procedimentos metodológicos implica também refletir sobre aquele que conduz a pesquisa e sobre a maneira como sua presença participa do processo investigativo.

Durante muito tempo, determinados modelos de investigação científica foram orientados pela busca de objetividade, distanciamento e neutralidade do pesquisador (1). Essa perspectiva, especialmente influenciada pelo paradigma positivista, sustentava a ideia de que seria possível estabelecer uma separação relativamente clara entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. No campo das Ciências Sociais, entretanto, essa separação apresenta limites importantes, particularmente quando a investigação envolve relações diretas e prolongadas entre pesquisador e pesquisados.

A metodologia, nesse sentido, não deve ser compreendida apenas como um conjunto de técnicas destinadas à obtenção de informações. Ela também envolve escolhas, posicionamentos, relações e interpretações. O pesquisador seleciona seu objeto, delimita questões, estabelece contatos, escolhe interlocutores, define estratégias de aproximação e interpreta aquilo que observa. Mesmo quando procura controlar suas próprias interferências, sua presença integra as circunstâncias nas quais os dados são produzidos.

A questão, portanto, não consiste em negar a importância do rigor metodológico, mas em questionar a possibilidade de uma neutralidade absoluta. Em pesquisas de natureza qualitativa, reconhecer a presença do pesquisador pode representar, justamente, uma estratégia de maior rigor, uma vez que permite explicitar as condições nas quais determinado conhecimento foi produzido.

A partir dessa perspectiva, algumas questões tornam-se fundamentais: de que maneira a trajetória do pesquisador interfere em sua relação com o campo? É possível estabelecer um distanciamento absoluto diante dos sujeitos investigados? Como as características sociais daquele que pesquisa influenciam as relações construídas durante o trabalho de campo? De que modo emoções, expectativas e acontecimentos inesperados podem ser incorporados à análise sem comprometer sua consistência científica?

Essas questões remetem diretamente ao conceito de reflexividade, compreendido aqui como um exercício contínuo de análise das relações estabelecidas no processo de pesquisa e das condições sociais, subjetivas e metodológicas que participam da construção do conhecimento.

O objetivo deste artigo é, portanto, discutir a subjetividade e a reflexividade como dimensões constitutivas da pesquisa socioantropológica, destacando o papel do pesquisador e os instrumentos metodológicos que possibilitam tornar sua presença no campo objeto de análise.

MÉTODO

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, exploratória e teórica, desenvolvida por meio de revisão de literatura. O levantamento bibliográfico concentrou-se em produções que discutem a relação entre pesquisador, campo e sujeitos da pesquisa, especialmente no âmbito da Sociologia e da Antropologia.

A análise privilegiou trabalhos voltados para a experiência do trabalho de campo, a observação participante, a utilização do diário de campo, as entrevistas informais, os papéis desempenhados pelo pesquisador e a reflexividade como recurso metodológico. A escolha dessa abordagem decorre da própria natureza do problema investigado. Não se pretende quantificar ou mensurar a subjetividade do pesquisador, mas compreender como diferentes autores discutem sua presença e seus efeitos no campo.

RESULTADOS

A pesquisa socioantropológica não se desenvolve em um espaço vazio ou previamente organizado para receber o pesquisador. O campo é constituído por relações, temporalidades, expectativas e circunstâncias que interferem diretamente na investigação. A aproximação com determinado grupo social, por exemplo, não significa apenas a entrada física em um espaço. Significa estabelecer relações com pessoas que possuem suas próprias interpretações acerca do pesquisador, de seus objetivos e de sua presença naquele contexto. Dessa forma, o campo também interpreta e responde ao pesquisador.

Florence Weber constitui uma referência importante para essa discussão. Em seu trabalho sobre as percepções dos trabalhadores, a autora demonstra a relevância de uma inserção prolongada e atenta no universo pesquisado. Mais do que simplesmente estar presente, trata-se de desenvolver uma disposição para “estar com” os interlocutores, acompanhando suas práticas, classificações e formas de interpretar o cotidiano (2).

Reconhecer a subjetividade do pesquisador não significa transformar a pesquisa em um relato autobiográfico. A questão é compreender que aquele que pesquisa possui uma história, uma posição social e determinadas formas de perceber o mundo que participam de sua relação com o objeto investigado. Nesse aspecto, a contribuição de Shulamit Reinharz é particularmente relevante. Ao discutir sua própria experiência de pesquisa, a autora evidencia que o pesquisador não ocupa uma posição única e estável no campo. Diferentes dimensões de sua identidade podem adquirir relevância conforme as situações e as relações estabelecidas (3).

O pesquisador pode ser percebido pelos interlocutores a partir de sua nacionalidade, gênero, idade, formação profissional, classe social ou outras características. Essas percepções

interferem nas interações e podem produzir diferentes formas de aproximação, confiança, resistência ou expectativa (3). A reflexividade surge, então, como uma possibilidade de transformar essa experiência em objeto de análise. Não se trata de eliminar a subjetividade, mas de torná-la visível, interrogá-la e contextualizá-la. O pesquisador precisa perguntar continuamente de que maneira suas expectativas influenciam aquilo que observa, quais aspectos do campo permanecem invisíveis para ele e como sua presença interfere nas relações estabelecidas.

O diário de campo assume, nesse contexto, uma importância particular. Ele não deve ser reduzido a um instrumento destinado ao registro cronológico dos acontecimentos. Pode também incorporar impressões, dúvidas, sentimentos, hipóteses provisórias e reflexões produzidas durante a experiência de campo (2,3). Reinharz chama atenção para diferentes dimensões que podem estar presentes nesse registro: acontecimentos relacionados à pesquisa, comentários pessoais e elementos referentes ao chamado “eu situacional” (3). Essa última dimensão permite perceber como o pesquisador se posiciona e é posicionado nas diferentes interações.

A discussão sobre a posição do pesquisador também está presente no trabalho de Gérard Mauger. Ao analisar a pesquisa realizada em meios populares, o autor problematiza a tentativa de neutralizar completamente a presença daquele que investiga (4). A simples entrada do pesquisador em determinado universo social já altera as condições da interação. Sua presença pode despertar curiosidade, desconfiança, interesse ou mesmo respostas estrategicamente formuladas pelos interlocutores (4).

Nesse sentido, o dado empírico não pode ser compreendido como algo que simplesmente “estava lá” esperando ser descoberto. Ele resulta de uma situação específica de interação. Essa perspectiva aproxima-se da discussão proposta por Raymond Gold sobre os papéis desempenhados pelo pesquisador no campo. Esses papéis não são necessariamente fixos. Dependendo da situação, o pesquisador pode assumir diferentes posições, e cada uma delas produz possibilidades e limites específicos para a investigação (5).

A forma como o pesquisador estabelece diálogo com seus interlocutores também merece atenção. Bruneteaux e Lanzarini questionam a utilização indiscriminada de entrevistas dirigidas, especialmente em pesquisas realizadas com grupos populares (6). Uma entrevista excessivamente estruturada pode criar uma situação artificial de interação. O entrevistado passa a responder às perguntas a partir daquilo que imagina ser esperado dele, enquanto o pesquisador ocupa uma posição institucionalizada de autoridade.

As entrevistas informais, por outro lado, possibilitam uma relação menos rígida. Conversas espontâneas, encontros cotidianos e situações aparentemente banais podem revelar elementos importantes para compreender as experiências dos sujeitos (6). Isso não significa abandonar os objetivos da pesquisa ou deixar de estabelecer critérios metodológicos. A informalidade não deve ser confundida com ausência de método. Ao contrário, exige do pesquisador uma capacidade ainda maior de escuta, atenção e interpretação.

Outra contribuição importante para pensar a relação entre pesquisador e campo encontra-se no trabalho de Colette Pétonnet e em sua proposta de “observação flutuante” (7). Ao estudar um cemitério parisiense, a autora desenvolve uma forma de observação marcada pela disponibilidade diante do inesperado. Em vez de estabelecer previamente todos os caminhos que deveriam ser percorridos, o pesquisador permanece atento aos acontecimentos e às situações que emergem no próprio campo (7). Essa proposta questiona uma concepção excessivamente linear da investigação, na qual o pesquisador formula uma hipótese, coleta dados e posteriormente confirma ou rejeita aquilo que havia estabelecido.

A observação flutuante valoriza justamente aquilo que escapa ao planejamento inicial. O acaso, os encontros fortuitos e os acontecimentos aparentemente insignificantes podem conduzir a novas questões e permitir a identificação de relações que não haviam sido inicialmente percebidas (7). Essa postura exige sensibilidade e abertura. O pesquisador precisa estar disposto a reconhecer que nem sempre sabe antecipadamente o que é relevante.

DISCUSSÃO

A análise das contribuições apresentadas permite identificar uma convergência fundamental: a pesquisa qualitativa não se constitui a partir da eliminação da subjetividade, mas de sua incorporação crítica ao processo de investigação.

Apesar das diferenças entre suas abordagens, esses autores contribuem para deslocar a compreensão da pesquisa de um modelo baseado exclusivamente na coleta de informações para uma perspectiva que considera a relação como elemento constitutivo do conhecimento. Isso não significa afirmar que toda interpretação seja igualmente válida ou que o rigor científico possa ser relativizado. A pesquisa qualitativa continua exigindo fundamentação teórica, coerência metodológica, transparência nos procedimentos e responsabilidade ética.

O reconhecimento da subjetividade pode, inclusive, fortalecer esses critérios. Ao explicitar sua posição e refletir sobre sua influência no campo, o pesquisador oferece ao leitor elementos para compreender como determinado conhecimento foi produzido. A reflexividade,

portanto, não é sinônimo de subjetivismo. Ela representa uma atitude metodológica de vigilância crítica sobre as próprias condições da investigação.

CONCLUSÃO

A discussão desenvolvida neste artigo permite compreender que a subjetividade ocupa um lugar incontornável na pesquisa socioantropológica. O pesquisador chega ao campo acompanhado de sua trajetória, de suas referências teóricas, de suas experiências e de expectativas que influenciam, ainda que de maneiras não inteiramente conscientes, sua relação com os sujeitos e com o objeto investigado.

Reconhecer essa condição não significa abandonar a preocupação com o rigor científico. Ao contrário, significa ampliar a própria compreensão acerca do que representa fazer ciência no âmbito das Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa exige uma postura de atenção permanente às relações estabelecidas no campo. Observar significa também ser observado; perguntar implica estar aberto às respostas; interpretar os outros pressupõe reconhecer que também somos interpretados por eles.

A reflexividade deve, portanto, ser acompanhada por procedimentos que permitam confrontar perspectivas e ampliar os pontos de vista. O diálogo entre pesquisadores, a discussão dos registros de campo e a articulação entre diferentes fontes constituem estratégias capazes de reduzir interpretações excessivamente individualizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Johnson AG. *Dicionário de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1997.
2. Weber F. *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Bauru: EDUSC; 2009.
3. Reinharz S. *Observing the observer: understanding ourselves in field research*. New York: Oxford University Press; 2011.
4. Mauger G. Enquêter en milieu populaire. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. 1991;(90):65-85.
5. Gold RL. Jeux de rôles sur le terrain. In: Mauger G, editor. *Enquêtes sociologiques*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales; 2003. p.79-89.
6. Bruneteaux P, Lanzarini L. Les entretiens informels: pour une critique de l'interview dirigée en milieu populaire. *Genèses*. 1998;(32):80-101.
7. Pétonnet C. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: Cardoso R, organizador. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa em antropologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2008. p.265-273.